pensamentos design

Dossiê Colóquio Design e Memória 2025: uma apresentação

André Antônio de Souza
Marcelina das Graças de Almeida
Samanta Coan

As discussões sobre memória têm evidenciado que lembrar nunca constitui um ato neutro. Toda memória resulta de processos históricos de seleção, silenciamento, disputa e negociação que definem quais experiências serão preservadas, quais narrativas serão legitimadas e quais pessoas permanecerão à margem dos registros oficiais. Mais do que um depósito do passado, a memória configura-se como um campo de forças no qual diferentes grupos sociais disputam reconhecimento, pertencimento e representação. Sob essa perspectiva, o design deixa de ocupar uma posição meramente instrumental para afirmar-se como prática cultural, política e epistemológica, capaz de participar ativamente da construção das narrativas que organizam a experiência social.

É precisamente nesse horizonte crítico que se insere o dossiê Design e Memória, organizado por meio das reflexões apresentadas no III Colóquio Design e Memória: sentidos e experiências em construção que se realizou entre os dias 3 a 5 de dezembro de 2025 a partir das inquietações do Grupo de Estudos D-Memo. Os oito artigos aqui reunidos representam parte significativa dos debates promovidos durante o evento e evidenciam a consolidação de um campo de investigação que ultrapassa os limites disciplinares do design para dialogar com a história, a antropologia, a museologia, os estudos culturais, a sociologia da memória e as teorias do patrimônio, dentre outros.

Ao eleger o tema "sentidos e experiências em construção", o Colóquio reafirma a compreensão de que a memória não corresponde a uma realidade fixa, mas a um processo continuamente produzido nas relações entre as pessoas, comunidades, instituições e artefatos. Sob a perspectiva de Maurice Halbwachs (1990), toda memória é socialmente construída, encontrando nos grupos sociais os referenciais que tornam possível recordar. Entretanto, as contribuições de Pierre Nora (1993), Jan Assmann (1995) e Aleida Assmann (2011) ampliam essa compreensão ao demonstrar que os suportes materiais, os lugares, os objetos, as imagens e as práticas culturais não apenas conservam memórias, mas participam de sua permanente reinvenção.

Essa perspectiva desloca o próprio entendimento do design. Se os artefatos organizam modos de perceber, experimentar e significar o mundo, então o design participa diretamente da constituição da memória cultural. Projetar implica produzir mediações, estabelecer regimes de visibilidade, selecionar narrativas e atribuir valor a determinados patrimônios em detrimento de outros. O projeto, portanto, não é neutro: ele constitui uma prática que interfere naquilo que será lembrado, esquecido ou ressignificado pelas gerações futuras.

PENSAMENTOS EM DESIGN | REVISTA *ONLINE* | BELO HORIZONTE | V. 6, N. 2, 2026 | ISSN 2764-0264

Tal compreensão aproxima-se das reflexões de Walter Benjamin (1987) acerca da historicidade dos objetos culturais e da necessidade de produzir leituras críticas sobre os vestígios do passado. Em Benjamin, os fragmentos da história não representam apenas testemunhos materiais, mas possibilidades de romper narrativas lineares e hegemônicas, permitindo que memórias invisibilizadas retornem ao debate público. Também dialoga com as contribuições de Andreas Huyssen (2000), para quem os tempos atuais caracterizam-se por uma intensa cultura da memória, na qual patrimônio, museus, arquivos e práticas de preservação respondem simultaneamente ao medo do esquecimento e às transformações produzidas pela globalização, pelas tecnologias digitais e pela aceleração do tempo histórico.

Nesse cenário, o design assume responsabilidades que extrapolam a criação de produtos e serviços. Sua atuação envolve a mediação entre memória e experiência, entre patrimônio e inovação, entre tradição e transformação social. Ao produzir exposições, plataformas digitais, acervos, sistemas de informação, narrativas visuais, interfaces, objetos ou processos participativos, o design interfere diretamente na circulação do conhecimento, na democratização do patrimônio e na construção de identidades coletivas. Trata-se de reconhecer que as identidades são permanentemente construídas por meio de representações culturais e, consequentemente, também podem ser transformadas pelas práticas projetuais.

Essa dimensão política torna-se ainda mais evidente quando se observam as disputas em torno dos patrimônios culturais e das memórias socialmente legitimadas. Os debates ampliam-se para incluir patrimônios invisibilizados, saberes tradicionais, culturas periféricas, populações afrodiaspóricas, povos indígenas, movimentos sociais e outros grupos cujas memórias permaneceram, durante muito tempo, excluídas das narrativas oficiais. Nessa direção, o design contemporâneo encontra-se diante do desafio ético de construir práticas mais participativas, plurais e socialmente comprometidas.

Os oito artigos que compõem este dossiê colocam em relevo a diversidade dessas abordagens. Ao explorarem diferentes objetos, metodologias e contextos de investigação, destacam que as relações entre design e memória não se restringem à preservação documental ou patrimonial, mas abrangem processos de mediação cultural, educação patrimonial, construção de narrativas, valorização da cultura material, fortalecimento de identidades, produção de experiências e transformação social. Em conjunto, os trabalhos evidenciam que o design atua simultaneamente como linguagem, método, mediação e prática crítica na produção das memórias coletivas.

Mais do que reunir pesquisas apresentadas durante o **III Colóquio Design e Memória**, este dossiê reafirma a emergência de uma agenda científica comprometida com a compreensão do design como campo capaz de produzir conhecimento sobre as dinâmicas culturais contemporâneas. Em um contexto marcado por profundas disputas em torno da memória, do patrimônio, da diversidade e da justiça social, investigar as interfaces entre design e memória significa reconhecer que projetar é também intervir nos modos pelos quais as sociedades narram suas histórias, atribuem sentido às suas experiências e imaginam seus futuros.

Assim, esta publicação convida a pessoa leitora a compreender a memória não como um legado cristalizado, mas como um território aberto de negociações, conflitos e possibilidades. Da mesma forma, propõe compreender o design não apenas como resposta técnica às demandas da sociedade, mas como uma prática crítica que participa da produção de culturas, da circulação de saberes e da construção de formas mais democráticas de lembrar, representar e propor outros mundos possíveis.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. 453 p.

ASSMANN, Jan. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, p. 125–133, 1995. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/488538. Acesso em: 9 fev. 2026.

ASSMANN, Jan. Globalization, Universalism, and the Erosion of Cultural Memory. *In:* ASSMANN, Aleida; CONRAD, Sebastian (Eds.). **Memory in a global age: discourses, practices and trajectories.** Hampshire: Palgrave Macmillan, 2010. p. 121–137.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política** Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1 (3ed). São Paulo: Brasiliense,1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História 10.** Revista do Programa de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7–28.

Sobre os autores

André Antônio de Souza é professor e pesquisador nas áreas de Design, Artes Visuais, Expressão Gráfica e Educação. Doutor em Design Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2025), Mestre em Design pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020), Especialista em Técnicas de Representação Gráfica pela EBA/UFRJ (2011) e Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2025). Atua como Professor Adjunto na UERJ, vinculado ao Departamento de Matemática e Desenho do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Desenvolve pesquisa junto aos grupos CRIAR - Percepção Visual e Representação Projetiva e CURA - Cultura, Urbanismo, Resistência, Arquitetura, com foco nos atravessamentos entre ensino, criação gráfica e cultura visual.

E-mail: asouza@esdi.uerj.br
Lattes: http://lattes.cnpq.br/7598448601389817
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-3488-8047

Marcelina das Graças de Almeida é graduada, mestra e doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente nos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Coordenadora do Arquivo de Som e Imagem, da UEMG. Possui experiência docente no campo da História, História do Design e cultura material com pesquisas em história da cultura e arte, memória e história urbana, educação para o patrimônio, morte e culto aos mortos, cemitérios oitocentistas, história e memória do design e suas conexões com os temas relacionados à diversidade, inclusão e gênero. Sócia da Associação Nacional de História e sócia fundadora da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais e editora colaboradora da Revista M. Estudos Sobre a Morte, os Mortos e o Morrer.

E-mail: almeida.marcelina@gmail.com
Lattes: https://lattes.cnpq.br/6813138729924319
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5174-0103

Samanta Coan é graduada em Design Gráfico pela FUMEC, Mestre em Design pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), especialista em Design Experiencial (UFSC). Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Desde 2018, participa do NEPPaMCs - Núcleo de Estudos sobre Performance, Patrimônio e Mediações Culturais da UFMG; do Grupo de Estudo em Design e Memória (D-Memo) e Memoráveis. Atualmente faz parte do coletivo Muquifu, gestor do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos (Muquifu); e pesquisadora sobre performance da memória, cultura material, gênero, curadoria e métodos participativos de museus comunitários.

E-mail: samantacoan@gmail.com
Lattes: http://lattes.cnpq.br/4382408653149074
Orcid: https://orcid.org/0000-0001-5268-6970